

# Cloro

## em Síntese

### EDITORIAL

## À espera de uma política em favor da competitividade

As dificuldades enfrentadas pela indústria química, que continua sendo penalizada pela substituição de produtos nacionais por importados e pelo alto custo da energia elétrica, associadas ao tímido crescimento da economia brasileira, prejudicaram o desenvolvimento das indústrias de cloro e soda.

No acumulado do ano até outubro, a produção de cloro recuou 0,9% em relação ao mesmo período de 2012. Além disso, o setor continua a operar com taxa de utilização da capacidade instalada abaixo da média histórica, que foi de 87%. Esperamos recuperar o ritmo nos dois últimos meses do ano para encerrar 2013 com produção estável. Para 2014, nossa expectativa é que os incentivos aos investimentos para a indústria química sejam implementados e que a questão energética receba mais atenção por parte do governo.

Ao mesmo tempo, o setor precisa ficar atento aos EUA e à sua oferta de soda, como destacou Janet Wright, gerente de Negócios para Cloro-Álcalis e Vinílicos da consultoria Tecnon OrbiChem (Inglaterra), durante o XVI Encontro de Transporte de Cloro, Álcalis e Derivados e o VIII Encontro de Distribuidores de Cloro-Álcalis e seus Derivados, realizados dia 13 de novembro, em São Paulo.

Confira nesta edição a cobertura completa do encontro de transporte e de distribuidores.

Boa leitura!

### ENCONTRO DE TRANSPORTADORES

## Mais segurança no transporte

Das 170 mil inspeções realizadas em 2013 em veículos de carga nas sete unidades industriais de produção de cloro e soda do País, foram observadas apenas 518 rejeições, o equivalente a 0,3% do total. Os dados foram apresentados pela Abiclor durante o XVI Encontro de Transporte de Cloro, Álcalis e Derivados.

As inspeções são feitas antes de cada viagem para verificar se os veículos que transportam os produtos do setor (cloro, soda cáustica, ácido clorídrico e hipoclorito de sódio) estão em conformidade com as normas de segurança para essa atividade. Há um *checklist* que observa uma série de requisitos como qualidade dos pneus e tanques, condições do motorista, entre outros.

Desde 2002, o número de rejeições em inspeções do setor vem caindo – passou de 1,83% para 0,3%. A redução ocorreu mesmo com o aumento na produção das plantas de cloro e soda e da quantidade de caminhões transportando produtos do setor. A taxa de frequência de acidentes por 10 mil viagens que, em 2005, era de 1,45 baixou para 0,13.

O baixo número de rejeições está relacionado à implantação de diversos programas, como o início dos Encontros de Transporte (em 1998), o Processo Distribuição Responsável (Prodir, em 2001), o Sistema de Avaliação de Segurança, Saúde, Meio Ambiente e Qualidade (Sassmaq, também em 2001) e o Prêmio José Tardivo (em 2002).

Anibal do Vale fala sobre a importância da segurança no transporte de produtos



# Um retrato da indústria de cloro e soda no mundo

O fraco desempenho da economia global e a possibilidade do aumento de oferta de soda por parte dos EUA podem impactar a produção de cloro e soda brasileira no próximo ano. A avaliação é de Janet Wright, gerente de Negócios para Cloro-Álcalis e Vinílicos da consultoria inglesa Tecnon OrbiChem, uma das mais respeitadas da área. Ela fez uma análise global sobre o setor durante o VIII Encontro de Distribuidores de Cloro, Álcalis e Derivados.

De acordo com Janet, a demanda de cloro depende fundamentalmente do crescimento do Produto Interno Bruto (PIB), o que pode ser difícil em um momento em que a economia mundial está enfraquecida. Mas se a economia melhorar, a demanda pelos produtos deve ser retomada, segundo ela. A queda enfrentada pelas indústrias de construção e automobilística, que juntas correspondem a cerca de 50% do consumo global de cloro, contribui para o cenário atual. "Espera-se que a demanda desses setores melhore, mas a expectativa é que não seja como antes."

O consumo de soda está relacionado ao desempenho das indústrias de alumínio e celulose e, avalia Janet, o crescimento desses segmentos não será tão grande quanto se previa.

Segundo ela, plantas dessas indústrias estão sendo fechadas no mundo todo, apesar do crescimento registrado pelo setor de papel e celulose na América do Sul, incluindo o Brasil. Quanto à indústria de alumínio, responsável pelo comércio de metade da soda no mundo, o ritmo das operações também diminuiu.

A Europa é apontada como a região que mais sofrerá nos próximos anos, em razão da crise econômica e pela opção de não usar mais mercúrio na produção de cloro e soda pós-2020. Vale ressaltar que, pela Convenção de Minamata, o *phase-out* (eliminação) da tecnologia se dará em 2025 (potencial de extensões de cinco anos e, eventualmente, mais cinco anos). Na Ásia, os altos custos de produção impedem o desenvolvimento do setor. E, na China, o problema está na existência de plantas de PVC que usam acetileno e no fato de as indústrias estarem localizadas no interior, dificultando a exportação.

O Oriente Médio, apesar do baixo custo de energia, sofre concorrência dos EUA no uso desse insumo. O gás de xisto, que está provocando uma revolução energética na economia norte-americana, é o grande destaque do setor. "Eles aumentaram a competitividade e devem ter uma boa produção de soda no próximo ano", afirma Janet Wright.



**Aumento da oferta de soda pelos EUA e o fraco desempenho da economia global podem afetar a produção de cloro e soda no Brasil em 2014**

Janet Wright, da consultoria inglesa Tecnon OrbiChem

## Economia brasileira deve melhorar só depois de 2018

A política econômica brasileira, que tem priorizado o consumo, só deve sofrer mudanças depois de 2018, quando serão realizadas novas eleições para presidente. Até lá, o desenvolvimento do País continuará prejudicado, afirmou Sérgio Vale, economista-chefe da MB Associados, durante palestra sobre conjuntura econômica no VIII Encontro de Distribuidores de Cloro, Álcalis e Derivados. Essa avaliação considera que a presidente Dilma deve ser reeleita em 2014.

Para Vale, o País tem regredido do ponto de vista institucional e mostra estagnação da qualidade dos negócios, reduzindo a produtividade. Ele criticou também a piora da educação e a forte dependência do consumo, responsável hoje, segundo ele, por 90% do crescimento do País.

A boa notícia é que, mesmo com a deterioração do cenário, o mercado consumidor é muito atraente para o investidor - a classe média apresenta grande potencial de crescimento. Além disso, o País possui uma imensa área agricultável. São poucas as nações que reúnem essas características, disse ele. Se quiser reverter essa situação, o governo precisa fazer algumas reformas. "Não é preciso se concentrar apenas nas grandes reformas, as micro farão diferença", afirmou Vale.

## É mais barato prevenir

O custo de um acidente no transporte de produtos perigosos no Brasil pode chegar a até R\$ 1,650 milhão, se houver morte e dano ambiental. O cálculo foi feito por Darcio Centoducato, diretor de Gerenciamento de Riscos da seguradora Pamcary, durante o XVI Encontro de Transporte de Cloro, Álcalis e Derivados, da Abiclor.

Pelos cálculos do especialista, um acidente com vítima custa R\$ 125 mil; com morte, R\$ 610 mil; e com dano ambiental, R\$ 1,04 milhão. O custo total dos acidentes envolvendo caminhões no Brasil está em torno de R\$ 8,9 bilhões por ano. "Isso sem considerar os danos à imagem e à reputação das transportadoras, que podem resultar na perda de 7,5% no valor dos papéis das empresas", afirmou Centoducato.

Apesar da conta alta, o especialista afirmou que as empresas estão dispostas a gastar apenas 1,7% do valor do frete para se segurar contra acidentes. "Contra roubos, a disposição de gastar fica em torno de 10%, mesmo que os danos causados sejam menores que os dos acidentes."

## Melhor do ano

A Borelli Transporte e Logística, de São Bernardo do Campo (SP), foi a vencedora do prêmio "José Tardivo" deste ano. Concedida pela Abiclor à transportadora que mais se destacou num período de 12 meses, a premiação avalia as práticas de segurança, saúde e meio ambiente no transporte de cloro e soda.

Numa disputa acirrada, a Borelli Transporte e Logística levou o primeiro lugar após atingir 98% dos 325 pontos possíveis. "Vamos nos esforçar para melhorar ainda mais esse índice para garantirmos nossa colocação no próximo ano", afirmou Luiz Adamo Borelli, presidente da empresa. O prêmio, uma tradição do setor, é entregue desde 2002.

Natural de Botucatu, o empresário do setor de transportes José Leonides Tardivo foi o elo que permitiu a aproximação entre o setor de cloro e soda e as transportadoras. Nos idos de 1998, Tardivo trabalhou em conjunto com a Abiclor na formatação e realização do primeiro Encontro de Transporte de Cloro, Álcalis e Derivados".

Falecido em 2001, a Associação resolveu homenageá-lo com a criação do prêmio com seu nome.

Anibal do Vale entrega prêmio a Luiz Adamo Borelli



# Produção de cloro e soda recua

O fraco desempenho da economia, que prejudicou setores consumidores de cloro e soda, contribuiu para que o segmento tivesse resultados negativos nos dez primeiros meses do ano. A produção de cloro registrou queda de 0,9% de janeiro a outubro, ante igual período de 2012, com volume de 1,045 milhão de toneladas. A produção de soda atingiu 1,155 milhão de toneladas, retração de 0,4% no referido período.

A taxa média de utilização da capacidade instalada foi de 83,6% entre janeiro e outubro, ou 0,9% menor que o registrado em igual período de 2012. O nível de utilização de capacidade em outubro ficou em 85,5%. "A expectativa da indústria é que a compra de cloro e soda cresça até dezembro, possibilitando ao setor sair do negativo", disse Aníbal do Vale, presidente da Abiclor.

No ano, até outubro, as vendas de cloro atingiram 133,86 mil toneladas – queda de 2,6% em comparação ao mesmo

período do ano anterior. O uso cativo – a utilização do produto pelas próprias fábricas para a produção de produtos derivados – registrou o montante de 917,4 mil toneladas (queda de 0,1%). Dentre os derivados clorados, os destaques positivos foram o dicloroetano, com crescimento de 4,4% em relação ao mesmo período de 2012, e o hipoclorido de sódio, que avançou 1,2%.

Em relação à soda cáustica, as vendas foram 1,7% menores. As importações de soda diminuíram 7,7%, passando de 949,81 mil toneladas para 877,05 mil toneladas importadas até outubro. As vendas internas de soda também registraram queda de 1,7%, para 991,66 mil toneladas.

Alguns setores apresentaram crescimento no consumo de soda cáustica de janeiro a outubro, como o de papel e celulose, com expansão de 5,7% ante igual período do ano passado, e o de alimentos, com 18,5%.

## Produção de cloro

INDICADORES	Janeiro/outubro		Variação (%) no ano
	2012	2013	
1. Produção	1.055.816	1.045.823	(0,9)
2. Uso cativo	918.780	917.491	(0,1)
3. Vendas totais	137.409	133.862	(2,6)
4. Capacidade instalada	1.251.733	1.251.733	0,0
5. Nível de utilização (%)	84,3	83,6	(0,9)
6. Importação	5.338	6.388	19,7
7. Consumo aparente	1.061.154	1.052.211	(0,8)

Valores em toneladas.

## Produção de soda cáustica

INDICADORES	Janeiro/outubro		Variação (%) no ano
	2012	2013	
1. Produção	1.161.074	1.155.973	(0,4)
2. Uso cativo	118.850	126.191	6,2
3. Vendas totais	1.024.869	1.007.309	(1,7)
4. Importação	949.810	877.055	(7,7)
5. Consumo aparente	2.095.213	2.017.387	(3,7)

Valores em toneladas.

## LEGISLAÇÃO

### Resíduos sólidos

A indústria está acompanhando as discussões do governo referentes à elaboração de normas sobre destinação de resíduos sólidos. Entre os temas de interesse está a regulamentação sobre recuperação energética de resíduos sólidos urbanos. O texto deverá sair na forma de instrução normativa dos Ministérios do Meio Ambiente, Minas e Energia e Cidades, informou o diretor titular do Departamento de Meio Ambiente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), Nelson Pereira dos Reis, durante palestra no VIII Encontro de Distribuidores. Ele falou sobre os avanços mais recentes da Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS) – lei nº 12.305/2010. Reis também ressaltou o envolvimento das indústrias na luta pela redução na geração de resíduos.

Nesse sentido, afirmou que diversos setores da indústria já desenvolveram estratégias para a logística reversa. "O setor industrial tem feito sua parte, com o cuidado de criar um marco que não engesse o processo produtivo", afirma o diretor. Segundo Reis, as indústrias defendem que a responsabilidade sobre os resíduos seja compartilhada por todos (governo, setor privado e sociedade).

